

## Novidades e desdobramentos na pesquisa comunicacional

A pesquisa das ciências sociais e humanas, em particular, dialoga, fortemente, com a realidade e as preocupações de seu momento histórico, bem como é capaz de influenciar questões centrais com que as sociedades se defrontam. Por vezes, a marca do tempo é mais conjuntural ou imprevista em relação a uma disciplina ou a um campo de conhecimento. Com justificativa social relevante, muitas investigações em Comunicação abordaram e ainda têm estudado aspectos da pandemia de covid-19, a partir de perspectivas da área. Mas há também mutações sociais profundamente associadas ao desenvolvimento da disciplina, em casos talvez mais raros e por isso menos perceptíveis e discutidos. Em situações desse tipo, é possível traçar uma linha de continuidade entre uma questão que parece “nova” e os seus desenvolvimentos de pesquisa e reflexão que se consolidaram em produtos e práticas sociais.

O artigo que abre o *Dossiê* deste número, “Separate and Reassemble: Generative AI through the lens of art and media histories”, de Lev Manovich, a respeito do tema de discussão social do momento, tem como um dos seus pontos altos mostrar, justamente, a significativa história, de várias décadas, da relação entre *dados e conhecimento*, a partir da web e, portanto, dos estudos da mídia digital. Vinda de um erudito autor proeminente desse campo, fundador da abordagem da analítica cultural (*cultural analytics*), a discussão é marcada por indagações instigantes: qual a diferença da Inteligência Artificial (IA) como analista da cultura em comparação com um ser humano? A IA pode ser criativa? Como um jovem artista deve se comportar diante da IA? As respostas são reflexivas e autorais, oferecendo caminhos para novas perguntas que geram conexões entre os estudos comunicacionais e os da arte, a partir de perspectivas estéticas sugeridas pela IA.

O segundo artigo da seção, “A Peregrinação a *Sand Hill Road*: Investimento de capital de risco em startups de tecnologia relacionadas ao setor editorial”, de John B. Thompson, representa um desenvolvimento dos estudos feitos pelo autor



nos últimos anos sobre a indústria do livro e os impactos da tecnologia nesse setor. O artigo possui um objeto e uma abordagem que prolongam análises prévias. Assim, destaca o papel das relações entre start-ups de tecnologia do segmento de livros e o capital de risco. Com apoio de um informante do mundo das finanças e discussões sobre os casos antagônicos das empresas Scribd, bem-sucedida, e Oyster, que fracassou, Thompson busca compreender as perspectivas de ambos os lados da relação. Desse ponto de vista, desenvolve estratégias teórico-metodológicas que permitem escapar das limitações dos estudos sobre “inovação tecnológica” que se concentram apenas nas tecnologias. Ao notar que esse tipo de inovação sempre ocorre em um contexto social mais amplo, Thompson elabora e utiliza uma versão própria da teoria de campo, de Bourdieu, como enquadramento do estudo. Esse aspecto teórico é significativo, tendo em vista que poderá inspirar outros trabalhos. Em síntese, ao lado de resultados em si esclarecedores, como sobre a necessidade dos empreendedores se ajustarem a expectativas de seus financiadores relativas ao retorno rápido do capital, o artigo oferece subsídios para novos desenvolvimentos de investigação.

A seção tem continuidade com dois artigos “A dramaturgia de Flusser”, de Lucrécia D’Alessio Ferrara, e “Memória do futuro como fenômeno de imprevisibilidade em Iúri Lotman”, de Mônica Rebecca Ferrari, nos quais os títulos já demonstram o diálogo com pesquisadores importantes na área. No primeiro trabalho, a autora aprofunda-se no estudo d’*A História do Diabo*, de Vilém Flusser, percebida como possível síntese de toda a obra desse autor, discutida sob diferentes dimensões. Já o trabalho de Ferrari procura, tomando como base as propostas de Iúri Lotman, investigar a conceituação e as lógicas que operam a “memória do futuro” na cultura. O estudo é enriquecido por uma análise das traduções semióticas da fotografia produzida por Régis Bossu, “O Beijo”.

Concluindo o *Dossiê* deste número, Sheila Schvarzman, no artigo “O protagonismo negro enfim faz sucesso: A autorrepresentação em *Medida Provisória* e *Marte Um*”, discute os dois filmes do título do trabalho, dirigidos e com atuação de pessoas negras. Ambos foram obras de sucesso no ano de seus lançamentos, 2022, alcançando audiência expressiva, o primeiro filme, e prestígio de crítica, no caso do segundo, que foi o trabalho indicado pelo Brasil ao Oscar. Esse tipo de situação, no contexto de um país diverso etnicamente como o Brasil deve ser saudado, assim como o artigo que discute a temática.

Na continuidade da edição, a *Entrevista* deste número é com o pesquisador José Luis Fernández, da Universidad de Buenos Aires, que, instigado por Clotilde Perez e Maurício Gomes de Faria, expõe suas motivações e aspectos de sua trajetória de investigação, discutindo como contribuições recentes de

perspectivas a respeito da midiatização do som/áudio permitem entender melhor o fenômeno dos podcasts.

A seção *Em Pauta* inicia-se com o artigo “Práticas políticas juvenis: Fundamentos e preceitos”, de Silvia Borelli, no qual a autora apresenta uma revisão crítica de trajetórias de pesquisa sobre práticas políticas de juventudes brasileiras desde os anos 2000. O estudo enfatiza a dimensão cultural e comunicacional relacionada ao tema, evidenciando como aspectos estéticos e políticos se entrelaçam nos processos relacionados a resistências juvenis. Nas conclusões, observa-se a importância de se refletir sobre a expressividade comunicacional ou a potencialidade enunciativa ligadas às práticas políticas juvenis que ocorrem nas cidades e nas redes.

O artigo seguinte, de Paulo Martins, “A cobertura noticiosa de crianças e jovens em códigos de ética”, apresenta resultados de um amplo estudo, utilizando a análise de conteúdo, de códigos de ética jornalística, com a preocupação de verificar quais são os valores e princípios expostos com respeito à cobertura de acontecimentos que envolvem menores de idade e, assim, quais as condutas profissionais que esses códigos recomendam. O autor concluir que, entre os 200 documentos analisados, 128 (64%) apresentam referências diretas ao tema, entre elas, o respeito ao interesse da criança, a proteção da privacidade e o consentimento prévio para contato ou realização de entrevistas, sendo que a principal preocupação é quanto à avaliação de possíveis danos a crianças e jovens, com a recomendação frequente de que a identidades deles seja ocultada, para garantir proteção.

O terceiro trabalho da seção é o ensaio “Os desafios de comunicação pública das ciências na mutação climática”, de Thaís Brianezi, que busca problematizar os desafios de comunicação pública das ciências na mutação climática, com base no pensamento de Bruno Latour. A partir dessa perspectiva, o texto debate a relação intrínseca entre ciência, discurso e representação, apresenta práticas educomunicativas que oferecem pistas para enfrentar epistemológica e empiricamente os desafios gerais expostos.

Na continuidade, dois artigos voltam-se a diferentes dimensões da questão da memória. No primeiro, André Bonsanto, em “O jornalismo como arma de ‘ação psicológica’: *Folha de S.Paulo* e a luta contra a ‘subversão’ na ditadura”, analisa o papel do jornal na chamada luta “anti-subversiva” da ditadura civil-militar no Brasil, tendo como foco uma campanha de “ação psicológica” intitulada “*União Contra a Violência*”, realizada em julho de 1969. Já o artigo “Objeto de Memória como Categoria de Análise de Capas de Disco”, de Herom Vargas, procura discutir, a partir de autores ligados aos estudos de memória, comunicação e cultura, a noção de *objeto de memória* como categoria na análise de capas de disco, dentro das relações que envolvem práticas culturais, música e materialidades.

Um estudo de recepção publicitária, “Campanhas de prevenção ao suicídio e recepção por jovens universitários”, de Rômulo Tondo, Elisa Reinhardt Piedras e Pedro Vieira da Silva Magalhães, é o sexto artigo da seção *Em Pauta*. O artigo relata pesquisa qualitativa, envolvendo análises documentais e entrevistas, sobre a temática do título, concluindo que as campanhas têm pouca repercussão entre os jovens estudados, e que sua comunicação, frequentemente, aborda a promoção da saúde mental ao invés da prevenção ao suicídio, reforçando o tabu sobre o tema. Em seguida, o artigo “Uma abordagem discursiva das estratégias de legitimação do telejornalismo”, de Clarissa Schwartz e Eugenia Mariano da Rocha Barichello, identifica e analisa estratégias discursivas utilizadas pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, na cobertura de três acontecimentos. O estudo faz uso de propostas teórico-metodológicas de Charaudeau, para compreender os processos de legitimação utilizados no telejornalismo brasileiro.

O artigo seguinte da seção, “Sabotagem: O futebol de Torquato Neto em *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*”, de Helcio Herbert Neto, analisa uma faceta pouco explorada do poeta e letrista: sua relação com o futebol. Isso é feito por meio do estudo de um roteiro de um projeto de programa da TV Globo que nunca foi veiculado, examinando as estratégias audiovisuais do roteirista e diretor para essa peça de radiodifusão, de modo a ampliar o horizonte de pesquisas sobre o escritor.

O artigo que encerra a seção é “As mulheres da ditadura representadas em *Cova 312*”, de Laísa Bisol, no qual a autora investiga como se dá a representatividade da mulher no jornalismo literário brasileiro, especialmente considerando o tema da violência, realizando uma análise da obra *Cova 312*, da jornalista Daniela Arbex, que destaca as possibilidades de luta e enfrentamento das mulheres no período histórico em questão.

A edição da Revista é finalizada, na seção *Resenha*, pelo texto de David Costa sobre o livro *A Crise da Narração*, de Byung-Chul Han, de maneira condizente ao tema introduzido no início deste Editorial: como transformações sociais e nas práticas comunicativas sugerem novos desenvolvimentos para a pesquisa da área. Assim, no livro resenhado, a comunicação digital é apontada como fator central do desaparecimento das narrativas autênticas na modernidade. Isso acontece, pois a proliferação de informações nas plataformas digitais gera um consumo excessivo de “narrativas” que faz com as pessoas percam o senso de comunidade e empatia mútua.

Ao fim de mais um número de *MATRIZes*, desejamos que a leitura deste número possa favorecer novos desenvolvimentos e questionamentos elaborados pela pesquisa da Comunicação. ■

*Richard Romancini*